

**ANA RITA MARUJO QUARESMA**

**BDSM/FETICHISMO E RELAÇÕES  
AMOROSAS**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA PATRÍCIA M.  
PASCOAL**

**CO-ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR DANIEL CARDOSO**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2019**

**ANA RITA MARUJO QUARESMA**

**BDSM/FETICHISMO E RELAÇÕES  
AMOROSAS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Sexualidade no Curso de Mestrado Transdisciplinar de Sexologia, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Despacho de Nomeação de Júri nº404/2018 com seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Mauro Bianchi

Arguente: Professora Doutora Ana Prioste

**Orientadora:** Professora Doutora Patrícia M. Pascoal

**Co-Orientador:** Professor Doutor Daniel Cardoso

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2019**

## **Agradecimentos**

Depois de uma longa jornada, chega-se a um ponto de viragem para novas aventuras. Contudo, fica impossível esquecer aqueles que te auxiliaram neste caminho que agora se transforma.

Agradecendo aos meus orientadores e professores, não só por toda a sabedoria, paciência e respeito que sempre incutiram ao longo de toda a minha formação. Como uma forma de melhorar e alcançar objetivos, como agradecer pela dedicação e carinho, quando não sabia me direccionar.

Aos meus pais pela oportunidade de fazer algo que sempre quis. Em especial à minha mãe por ser das pessoas que sempre me impulsionou a seguir todos os meus sonhos, grandes ou pequenos.

E a três grandes seres humanos, que não só me auxiliaram durante todo o processo, mas que me apoiaram quando tudo parecia mais difícil. Miguel por seres quem és, meu irmão e companheiro e melhor amigo, sempre disponível para tudo. Jarmela pela honra de te chamar de irmã desde o início do nosso caminho na Psicologia, e por seres a minha companheira de 5 anos de muita história e desafios. E por fim obrigada Daniela por teres aparecido e seres o meu grande pilar, por teres lidado com todas as minhas ansiedades e dúvidas, nunca me deixando desistir.

Obrigada a todos.

### **Resumo**

As práticas BDSM e Fetichistas têm vindo a ser encaradas cientificamente como uma variante da sexualidade humana. No presente trabalho, pretendemos analisar as significações e experiências acerca das práticas BDSM/Fetichistas e sua inter-relação com os relacionamentos amorosos.

Uma amostra de conveniência de 87 pessoas, com idade igual ou superior a 18 anos, praticantes ou interessadas em BDSM/Fetichismo, completaram um questionário *online*, criado com recurso à participação de membros da comunidade, contendo perguntas de âmbito sociodemográfico e questões abertas para análise temática.

As pessoas desta amostra têm uma média de idades de 33,02 anos (DP= 9,63), e a maioria reportou frequência universitária, habitando nas zonas de Lisboa, Porto e Setúbal. Os resultados demonstram expectativas múltiplas sobre como interagir sexualmente com o/a(s) parceiro/a(s). Estas expectativas são complexas e podem levar ao término da relação amorosa por sentimentos de frustração alicerçados no estigma.

O estudo demonstra a importância desta dimensão da sexualidade para o bem-estar dos indivíduos com práticas ou interesse em BDSM/Fetichismo e como as diferentes dinâmicas relacionais permitem lidar com a incompatibilidade de interesses. A falta de representações sociais positivas aparenta potenciar o estigma sobre praticantes de BDSM/Fetichistas.

Estudos futuros com praticantes e não praticantes de poderão ajudar a esclarecer como se representam e negociam a monogamia e o amor romântico na presença de interesses divergentes.

*Palavras-chave:* BDSM, desafios, Fetichismo, Relações amorosas

**Abstract:**

BDSM and Fetishist practices have come to be viewed scientifically as a variant of human sexuality. In the present work, we intended to contribute in this area considering the meanings and experiences about BDSM/Fetish practices and their interrelationship within romantic relationships.

A convenience sample of 87 adults practicing or interested in BDSM, completed online survey that used a participatory research, thematic analysis, a set of open questions for qualitative analysis and questions of socio-demographic scope.

The participants had an average age of 33,02 (SD= 9,63), with university qualifications and a majority metropolitan area of Lisbon, Porto and Setúbal. The results demonstrate that there are multiple expectations about how to interact sexually with partners. These expectations are complex and can lead to the termination of the love relationship by feelings of frustration grounded in stigma.

The study demonstrates the importance of this dimension of sexuality for the well-being of individuals with BDSM / Fetish practices and interests and how the different relational dynamics allow us to deal with the incompatibility of interests. The lack of positive social representations seems to potentiate stigma over BDSM / Fetish practitioners. Future studies with practitioners and non-practitioners may help to clarify how monogamy and romantic love are represented and negotiated in the presence of divergent interests.

*Key-Words:* BDSM; Challenges; Fetishism; Romantic relationships

## Índice Geral

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| Definição de BDSM e relevância .....                              | 9         |
| Despatologização do BDSM .....                                    | 10        |
| A construção da Identidade <i>Kinky</i> .....                     | 11        |
| Relacionamentos Amorosos: os desafios e a influência social ..... | 12        |
| Estudo atual.....                                                 | 15        |
| <b>Método .....</b>                                               | <b>15</b> |
| Participantes .....                                               | 15        |
| Instrumentos .....                                                | 16        |
| Questionário geral .....                                          | 16        |
| Questionário sobre BDSM/ fetichismo .....                         | 16        |
| Procedimento.....                                                 | 17        |
| Análise de Dados .....                                            | 17        |
| <b>Resultados .....</b>                                           | <b>18</b> |
| Análise Temática.....                                             | 18        |
| <b>Discussão .....</b>                                            | <b>26</b> |
| Limites.....                                                      | 29        |
| Direções futuras .....                                            | 30        |
| <b>Referências .....</b>                                          | <b>32</b> |

**Índice de Quadros**

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Tabela Hierárquica..... | 23 |
|------------------------------------|----|

**Índice de Figuras**

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Figura 1 – Mapa Temático..... | 23 |
|-------------------------------|----|

### **Definição de BDSM e relevância**

A sigla BDSM representa um conjunto de práticas eróticas, íntimas e/ou sexuais que engloba Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo. Integradas no BDSM existem várias práticas sexuais (e.g., negação de privilégios, *spanking*, *role-play*, *shibari*...), diversos papéis (e.g., submissos, dominantes, *switchers*...), diferentes configurações relacionais (e.g., casais submissos, casais dominantes, tríades em v ou delta, sendo que dois ou todos os parceiro/a(s) interagem sexualmente) e variadas fantasias (e.g., sexo em público, utilização de coleira em público, fantasias hierárquicas como professor-estudante) (Hébert & Weaver, 2015; Langdridge & Barker, 2013). Convém ainda notar que as experiências de BDSM não têm de estar agregadas a qualquer tipo de contacto sexual, podendo ser usufruídas apenas para foro sensorial (Mota & Oliveira, 2014). As práticas são de satisfação recíproca e podem conter dinâmicas de poder (com uma encenação de poder entre submisso e dominante) (Faccio et al., 2014; Hébert & Weaver, 2015; Mota & Oliveira, 2014).

O Fetichismo é caracterizado como a excitação sexual por objetos ou partes do corpo (e.g., qualquer artigo de interesse como latex, couro, fatos entre outros objetos). A utilização dos objetos pelo(s) parceiro/a(s) pode aumentar a sua atratividade, ou mesmo trazer à memória uma situação erótica (Langdridge & Barker, 2013).

Uma das componentes definidoras e centrais do BDSM é a existência de consentimento (Faccio et al., 2014) acerca das práticas. O consentimento é promotor de confiança e respeito, dependendo muito de boas estratégias de comunicação. Existem vários modelos de obtenção e operacionalização do consentimento, sendo o mais conhecido o SSC (*safe, sane and consensual*) dividido em: seguro (todas as práticas têm de ser seguras a nível físico e psicológico), são (as atividades devem ser realizadas de forma sensata e consciente), e consensual (consentimento sobre um papel, com direito a revogar os seus limites). É frequente o uso de uma *safe word* (uma palavra ou gesto que terminam o consentimento de uma cena). A flexibilidade de papéis é parte integrante do consentimento, uma vez que todos os participantes têm a opção de escolha do papel a desempenhar (Black, 2011; Mota & Oliveira, 2014). O consentimento é entendido como um processo, revogável a qualquer momento, e a sua manutenção é da responsabilidade de todos os intervenientes. Em si é visto como uma negociação constante dentro dos relacionamentos (Millbank, 2012 citado por Barker, 2013; Wismeijer & van Assen, 2013).

### **Despatologização do BDSM**

Os primórdios da investigação sobre BDSM tinham um cunho patologizante, baseado no recurso à população clínica de praticantes de BDSM que buscavam apoio psicológico, por se sentirem em conflito com a sua sexualidade. As investigações assumiram que a generalidade dos praticantes de BDSM sofria de alguma psicopatologia e/ou passados abusivos, identificando o interesse em BDSM como algo problemático e incomum (Graham et al., 2016 citado por Allnutt et al., 1996; Straus, 2001). A falta de modelos teóricos explicativos sobre o que constitui uma sexualidade “normativa” (Langdridge & Barker, 2013) servem apenas para amplificar o BDSM como problemático, conotando tais práticas como abusivas.

Em contraponto à herança de Kraft-Ebbing, o primeiro a escrever clinicamente sobre “sadismo” e “masoquismo”, o DSM-5 (APA, 2013) apenas considera o Fetichismo, Sadismo e Masoquismo como perturbações parafilicas quando existe mal-estar no indivíduo, potencial risco a terceiros e dificuldades psicossociais. Os indivíduos que praticam BDSM e não preenchem estas condições não são diagnosticados com qualquer uma das perturbações parafilicas (Gosselin and Wilson, 1980 citado por Taylor & Ussher, 2001; Faccio et al., 2014; Moser & Kleinplatz, 2006). O grupo de trabalho dedicado à criação do ICD-11<sup>[1]</sup> propõe a retirada de categorias como o Fetichismo e Sadomasoquismo das perturbações parafilicas, por considerar que a manutenção das suas definições vai contra os princípios dos Direitos Humanos, como a criação de novos critérios que envolvam pensamentos, fantasias, ou comportamentos sem consentimento de terceiros (Moser, 2018).

Não é apenas em estudos da saúde mental que a patologia se faz sentir. Vários outros agentes sociais (e.g., política, medicina, *media*) têm contribuído para a manutenção de estereótipos sobre o BDSM/Fetichismo, que o enquadram como sendo fora do comum ou estranho. As investigações (Connolly, 2006; Langdridge & Barker, 2013; Richters et al., 2008) demonstraram que as práticas de BDSM não são sinónimos para psicopatologias e/ou dificuldades sexuais.

A maior visibilidade de temas *kinky*<sup>[2]</sup> nos *media* e na academia têm contribuído para que mais pessoas se apercebam da importância do BDSM nas suas próprias vidas (Langdridge & Barker, 2013).

---

<sup>1</sup> ICD – 11: Manual de Classificação Internacional de Doenças 11ª Revisão

<sup>2</sup> Kinky: comportamentos que envolvem atos sexuais pouco comuns, excitantes. Nota que a ideia de pouco comum tem sido discutida derivado a existirem alguns contextos baunilha em que têm marcas kinky.

Com o aumento do interesse no BDSM, a investigação na área disciplinar da Psicologia tem desenvolvido e adotado outras perspetivas, não patologizantes, onde vários/as autores/as abordam o BDSM com base em definições empíricas da tipologia das práticas sexuais, ou com grande ênfase na importância do BDSM para a construção da identidade (Taylor & Ussher, 2001).

### **A construção da Identidade *Kinky***

Na investigação de Yost e Hunter (2012), ocorre uma ligação entre o interesse por práticas sexuais de BDSM e a construção identitária, influenciada por motivações intrínsecas (o interesse ocorre desde que o indivíduo tem perceção de si) e/ou extrínsecas (o interesse é encorajado pelo/a(s) parceiro/a(s) interessados em BDSM, ou através do *media*). O processo de descoberta e interesse por BDSM é diversificado, e pode ocorrer por influências do/a(s) parceiro/a(s), literatura, cinema e/ou *internet*, sendo estes contextos seguros de procura e partilha de informação, como de realização de práticas, contribuindo como fatores que suscitam sentimentos de pertença, e que se interligam com o processo de formação da identidade, com uma procura, auto identificação e aproximação do conteúdo e práticas de interesse (Meyer & Schwitzer, 1999; Mota & Oliveira, 2014).

A Sociologia e a Psicologia do Desenvolvimento abordam a identidade de uma forma semelhante, descrevendo-a como um processo de transformação individual constrangida por processos macrossociais. O conceito de identidade foi estudado por bastantes teóricos, entre os quais Erickson, que defendia o conceito de identidade individual como algo que se desenvolve por estágios e alterações culturais (Hall, 2006; Meeker, 2011). O BDSM como identidade e como uma prática minoritária, posiciona-se entre a construção do interesse e a sua importância para uma pessoa, influenciada por todas as transformações sociais que influenciam a identidade individual, mas também as perceções do sistema macrossocial. O desenvolvimento de orientações sexuais minoritárias podem ser explicadas através do desenvolvimento da identidade em 6 estágios-chave (reconhecimento da diferença; observação reflexiva das semelhanças e diferenças em terceiros; internalização das reflexões; auto identificação; aproximação com pares semelhantes; criação de redes dentro da comunidade) (Meyer & Schwitzer, 1999).

A integração e revelação da identidade BDSM pode ocorrer com estratégias de entendimento de informação sobre temáticas *kinky* com o auxílio de contextos seguros,

que desenvolvem uma aproximação a espaços *kink-friendly*<sup>[3]</sup>, desenvolvendo o reconhecimento de uma identidade *kinky*, através da reflexão de uma identidade integrada no próprio indivíduo, sem grande impacto externo de fatores ambientais. Portanto, devemos ter em consideração que a identidade BDSM pode ser visto como um processo que decorre ao longo do tempo, e os indivíduos adotam determinadas categorizações ou papéis de acordo com a multiplicidade de significados que cada papel tem para si (Damm et al., 2017; Langdridge & Barker, 2013).

### **Relacionamentos Amorosos: os desafios e a influência social**

De acordo com Langdridge e Barker (2013), as práticas e cenas *kinky* podem estar interligadas a contextos amorosos ou não. Dentro do BDSM existem vários papéis, e a possibilidade de alternância destes através da experimentação. Os/as praticantes de BDSM procuram relações da mesma forma que não-praticantes de BDSM, seja através de sites de namoro, fora do contexto BDSM ou em eventos. Estas relações podem ser duradoras ou não e, tal como uma relação não-BDSM, com ou sem compromisso (Langdridge & Barker, 2013).

Dentro dos desafios nas relações amorosas em minorias sexuais, existem vários fatores que acrescem o stress sentido por pessoas dentro de um grupo minoritário, como a estigmatização derivada da diversidade de expressão sexual por grupos não minoritários, criando uma possível discriminação da maioria, o encobrimento da identidade sexual e/ou sentimentos de vergonha internalizada (Meyer, 2003). De acordo com os autores Mohr e Daly (2008), a vergonha internalizada é apresentada como um dos fatores que maior influenciam o desgaste da relação.

A recente pesquisa de Damm e colegas (2017), sobre as interações da identidade dentro das práticas BDSM, verifica que ocorrem experiências de vergonha, mas também de empoderamento<sup>[4]</sup>. As experiências de vergonha são reportadas quando ocorre uma partilha da identidade e/ou negociação de práticas de BDSM com o(s) parceiro/a, pela primeira vez. Em alguns dos casos os sentimentos de vergonha ocorrem quando os limites acordados são ultrapassados, ou na participação em atividades fora da zona de conforto (Damm et al, 2017). Em contraste com os dados de Lawrence e Love-Crowell (2007), as dificuldades abordadas por pacientes com interesse ou práticas de BDSM, a nível relacional, focam-se na compatibilidade de interesses, ou como abordar

---

<sup>3</sup> Kinky- friendly: Pessoas, espaços ou eventos amigáveis a comportamentos/temas kinky

<sup>4</sup> Empoderamento: Processo de reforço da autoestima e da autoconfiança.

peessoas sem saber se estas têm interesse nessas práticas. As dificuldades relacionas ocorrem também na busca de parceiro/a(s) com interesse em práticas de BDSM, como nas diferenças a nível da intensidade das práticas com parceiro/a(s) (e.g., parceiro/a procura uma cena mais dominadora, e sente que o/a parceiro/a, não alcança as suas expectativas) (Lawrence e Love-Crowell, 2007).

Indo ao encontro de estudos de Hébert e Weaver (2015) e Mota e Oliveira (2014), fica assente a estigmatização sentida de uma forma geral por causa da visão societal de que o BDSM não é saudável e pode ser ridicularizado, criando algumas dificuldades e desafios para os praticantes dentro de relacionamentos. As dificuldades para Hébert e Weaver (2015) e Mota e Oliveira (2014), focam-se na aceitação dos desejos do outro com medo de represálias, nas dificuldades em encontrar parceiro/a(s) com uma responsabilidade sobre o seu bem-estar físico e psicológico, durante e pós práticas de BDSM.

De acordo com Weiss (2006), mesmo com a tendência e o aumento das representações de BDSM nos *media* ter-se alterado ao longo dos anos, ainda existe uma visão entre o normal e o patológico. O tipo de representações de BDSM sofrem discrepâncias entre o aumento da visibilidade. Estas discrepâncias possibilitam à compreensão e aceitação de minorias sexuais, como por sua vez uma categorização entre o que é ou não é aceitável (e.g., certas cenas de bondage são aceitáveis de se mostrar nos *media*, mas cenas de sadomasoquismo são censuradas). Weiss (2006), critica assim numa perspetiva pessoal a influência saturada de representações de BDSM nos *media*, que não resultam em sentimentos de aceitação e progressão de políticas devido à contínua repressão e marginalização de sexualidades alternativas. Critica assim, uma junção entre o patológico e o normativo, com o auxílio da romantização para a normalização de práticas de BDSM, onde os recetores de conteúdos *kinky* nos *media* não querem que o BDSM seja algo aceitável e normal ou patológico, querem sim algo mais autêntico, realista, menos consumista e desafiante.

Apesar de existirem dificuldades derivadas da estigmatização social, com falhas em obter representações de BDSM realistas, sem a romantização e falhas de consentimento, é possível que a trilogia das *50 Sombras de Grey*, pela sua popularidade, tenha um impacto sobre a conceção de identidade ou no aumento do interesse em BDSM. Com uma trilogia que reflete sobre representações de estereótipos, como assunções sexuais de género, incoerências de consentimento (e.g., em generalidade não ocorre uma utilização das *safewords* ou de uma resposta negativa), de forma a desenrolarem-se

práticas de BDSM que assumem-se como atos consentidos (Kitzinger & Frith, 1999, citado por Barker, 2013). Da análise de *blogs* de BDSM por Barker (2013), ocorre a percepção de desvalorização pela comunidade da possibilidade de atos não consentidos, apesar de discursos de desvalorização poderem reforçar estereótipos (e.g., todas as práticas de BDSM são abusivas).

Autores como Mota e Oliveira (2014) descrevem que as construções de papéis dentro das práticas de BDSM têm a influência direta ou inversa de características de personalidade. Podem ser aqui consideradas duas abordagens: identidade vs. atividade, onde as práticas de BDSM podem acarretar apenas um escape à rotina sexual ou ser, de facto, práticas basilares do funcionamento dos indivíduos nas suas relações sexuais, e indo ao encontro dos resultados da investigação de Pascoal e colegas (2015), que constataram que uma parte dos participantes apenas utiliza as práticas de BDSM para o escape à rotina do relacionamento.

No estudo de Damm e colegas (2017), a revelação do interesse em BDSM ocorre, primeiramente, com o/a parceiro/a sexual, existindo algumas vantagens, como o aumento da confiança do indivíduo, sentimentos de poder e realização, e potenciando uma influência positiva nas relações sexuais.

Nelson e Winawer (2014) sugerem que na ocorrência de um desacordo entre os parceiros/as (e.g., quando um dos parceiros/as não tem interesse em BDSM), a falta de abordagem sobre o interesse em práticas *kinky* pode possibilitar a prática de BDSM em segredo, deste modo possibilita uma tensão no relacionamento amoroso em que um dos parceiros/as anseia uma expressão mais honesta e satisfatória da sexualidade. A investigação de Pascoal e colegas (2015), demonstra que vários participantes adotam diferentes parceiros/as para práticas de BDSM e não BDSM, indicando que, seja o relacionamento não monogâmico consensual ou não consensual, esta pode ser uma estratégia para lidar com o interesse em determinadas práticas de BDSM.

Nelson e Winawer (2014), referem que o BDSM pode auxiliar no encontro de interesses sexuais em comum e mais criativos, mas quando um dos parceiros/as não tem interesse esta incompatibilidade de interesses pode potenciar um término da relação. Dentro do nosso estudo teremos em consideração que o BDSM é uma parte essencial e identitária para alguns dos praticantes, e que de um certo modo influencia a visão desta população sobre os desafios de ter um interesse ou práticas BDSM/Fetichismo.

Agregado a modelos das Ciências Sociais e Psicologia que propõem como a literatura, cinema, interesses do parceiro/a(s) e identidade *kinky* possibilita e influência a iniciação de práticas de BDSM.

### **Estudo atual**

Esta investigação pretende dar continuidade um estudo prévio, com um intuito de compreender as conceções e interesse pelo BDSM/Fetichismo<sup>[5]</sup>, sejam praticantes ou não, e os seus comportamentos sexuais (Pascoal et al., 2015). Com o objetivo de promover um maior conhecimento da perceção acerca das relações interpessoais amorosas de pessoas com interesse por ou auto-identificadas com BDSM/Fetichismo, elaboramos o presente estudo exploratório qualitativo, dada a escassez de estudos que abordem as perceções das pessoas com identidade BDSM/Fetichistas, este estudo, marcado por uma abordagem de investigação participada em colaboração com membros da comunidade BDSM/Fetichista portuguesa. Pretendemos clarificar qual a importância/interceção entre o BDSM/Fetichismo e a diversidade dos relacionamentos e quais os desafios percecionados, como que tipo de desafios relacionais experienciados por pessoas com interesse em BDSM/ou identidade *kinky*.

Considerando as respostas de uma amostra de pessoas praticantes, ou com interesse, em BDSM/Fetichismo, pretende-se:

1. Caracterizar sociodemograficamente e relacionalmente a amostra;
2. Explorar a perceção da amostra acerca dos desafios encontrados por praticantes de BDSM e/ou fetichistas nas suas relações amorosas.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram no estudo global 277 pessoas, cerca de 189 desistiram durante o questionário (68%) não chegando a responder à questão em estudo. Entre os 89 que responderam à pergunta da investigação, 2 respostas foram eliminadas por estarem em branco ou serem ininteligíveis, resultando no final em 87 (31,4% das pessoas que acederam ao estudo) respostas válidas. Os participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos ( $M = 33.02$ ,  $DP = 9.63$ ). Relativamente à sua identidade de género, 38

---

<sup>5</sup> A equipa de investigação, considerando os trabalhos existentes e a proximidade entre as práticas de BDSM e Fetichismo, decidiu incluir de forma explícita o interesse e práticas fetichistas, pelo que se utilizará a partir de agora o acrónimo BDSM/Fetichismo.

indivíduos (43,7%) identificaram-se como sendo do género masculino e 45 (51,7%) do género feminino, 1 indivíduo identificou-se como agénero (1,1%), 1 indivíduo identificou-se como *genderqueer* (1,1%), 1 indivíduo identificou-se como transgénero/bigénero (1,1%), e 1 indivíduo identificou-se como “outro” (1,1%), sem especificar. Maioritariamente os dados revelam participantes com um grau académico de mestrado ( $n = 30$ ; 34,5%) seguinte de frequência universitária com ( $n = 26$ ; 29,9%), e uma maior representação nos distritos de Lisboa ( $n = 42$ ; 48,3%), Porto ( $n = 12$ ; 13,8%) e Setúbal ( $n = 10$ ; 11,5%). Relativamente à orientação sexual, as pessoas identificaram-se maioritariamente como heterossexuais ( $n = 56$ ; 64,4%), seguidos de bissexuais ( $n = 11$  do género feminino e 6 do género masculino; 17,5%), orientação indefinida ( $n = 3$ ; 3,5%), lésbica ( $n = 2$ ; 2,3%), e ( $n = 8$ ; 9,4%) referiram outras orientações sexuais (heteroflexível ( $n = 4$ ; 4,4%), pansexual ( $n = 3$ ; 3,4%) e homoflexível ( $n = 1$ ; 1,1%). No que respeita à situação relacional, ( $n = 36$ ; 41,3%) relataram estar numa relação monogâmica, seguidamente por ( $n = 20$ ; 22,9%) em relações consensuais não-monogâmicas e ( $n = 16$ ; 18,3%) não estando num relacionamento íntimo.

Cerca de 75 pessoas (86,20%) mencionaram terem contacto com práticas que considerem de BDSM/Fetichismo. Auto-identificaram-se 33 (44%) pessoas do género masculino e 38 (50,6%) do género feminino, 1 indivíduo como agénero (1,3%), 1 indivíduo como *genderqueer* (1,3%), 1 indivíduo como transgénero/bigénero (1,3%), e 1 indivíduo identificou-se como outro (1,3%) sem especificar.

## **Instrumentos**

### **Questionário geral**

Este questionário inclui questões sociodemográficas e acerca das auto-identificações (e.g., idade, género, orientação sexual, auto-identificações no campo da sexualidade, idade do início do interesse pelo BDSM e/ou fetichismo).

### **Questionário sobre BDSM/ fetichismo**

Este questionário, criado pelos investigadores, agrega um conjunto de questões abertas com o objectivo de explorar as significações e as experiências de pessoas auto-identificadas como BDSM/fetichistas. Estas questões abordavam temas como: “definição de BDSM e/ou fetichismo”; “como é a sua experiência de ser uma pessoa “kinky”, i.e., ter uma identidade BDSM/Fetichista?”; “Caso tenha tomado contacto direto com BDSM e/ou fetichismo, onde e como isso aconteceu?”. Para o presente trabalho utilizou-se uma das perguntas que constituem o questionário total: “Considera que existem desafios

específicos que se colocam às pessoas com interesse e/ou prática em BDSM e/ou fetichismo, quando estabelecem relações amorosas com outra(s) pessoa(s) (e.g., namorado/a) e essa(s) pessoa(s) têm ou não têm interesse em BDSM e/ou fetichismo? Quais, pode dar exemplos?”

### **Procedimento**

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Este trabalho segue uma abordagem de investigação participada (Cornwall & Jewkes, 1995), i.e., contactaram-se membros da comunidade BDSM/fetichista, e numa perspetiva colaborativa estes avaliaram a relevância e adequação dos temas, sugerindo outras temáticas ou questões que são sentidas como relevantes pelos membros da comunidade. Alguns membros da comunidade reviram o questionário para que este tivesse uma linguagem clara e inclusiva. Implementou-se o questionário *online* numa plataforma *opensource* onde não foram guardados os IPs, sendo que os dados apenas estavam acessíveis às pessoas ligadas à investigação. A distribuição do link ocorreu em fóruns, newsletter e grupos fechados em redes sociais de pessoas com interesse e prática de BDSM/Fetichismo. O consentimento informado foi fornecido antes da iniciação do questionário *online*. Neste constava informação relativamente à natureza voluntária do estudo, ao seu carácter anónimo, à ausência de compensação financeira, informação acerca do nome dos investigadores e respetivos emails, o objetivo do estudo e os critérios de inclusão: ser maior de idade (18 anos ou mais); nativos de língua portuguesa e a residir em Portugal; com interesse por, ou auto-identificados, como BDSM e/ou fetichistas. Foi solicitado aos participantes que respondessem a questões abertas conforme o guião elaborado.

### **Análise de Dados**

A análise de dados quantitativos foi feita com programa SPSS 23 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA), para a descrição da amostra. Todos os dados em formato de resposta aberta (e.g., sim, nem sempre o parceiro pode entender. Existe ainda pouca informação acerca do assunto para o normalizar), foram analisados com recurso ao programa Nvivo (Bazeley & Jackson, 2013).

Para análise dos dados foi adotada a metodologia de análise temática (Braun & Clarke, 2006), adotando uma perspetiva realista, procurando os temas semânticos de

acordo com os significados em todo o conjunto de dados. A organização dos dados foi estruturada hierarquicamente em três níveis de análise. O primeiro nível são códigos identificados ao longo do set de dados. O segundo nível é constituído pelos subtemas, códigos que partilham de significados subjacentes com o terceiro nível. O terceiro nível engloba os temas principais de significados mais globais (Braun & Clarke, 2006).

Na fase inicial da análise (a familiarização dos dados) foram encontrados dois tipos distintos de respostas: respostas mais curtas e diretas e respostas mais longas com uma complexidade e interligação com diferentes conceitos, com a utilização de adjetivos e exemplos pessoais como um modo de enriquecimento das respostas. Alguns dos exemplos de desafios mais complexos (os que incluem mais que um código, ou que representem um conceito mais global) serão apresentados no decorrer desta secção.

Os temas principais, subtemas e códigos foram encontrados após uma leitura repetida a partir das definições, e de um entendimento cuidado não só dos padrões dos temas, mas também das contradições e inconsistências de forma agregar os padrões de significação num conjunto de temas abrangentes.

Os temas finais foram reorganizados em relações com significado entre eles, e de uma forma sucessiva criando por fim, um mapa temático final (Ver Figura 1), que reflita a construção de significados dentro do conjunto de dados, descrevendo os aspetos relevantes dos desafios percebidos por pessoas praticantes/interessados/as ou não praticantes de BDSM/Fetichismo quando estabelecem relações amorosas. A validade dos temas foi conseguida após várias discussões de ajuste entre os investigadores até à chegada de um consenso.

## **Resultados**

### **Análise Temática**

A organização da análise identificou os diferentes níveis de desafios dentro de uma relação amorosa: interpessoal, intrapessoal, societal e ausência de desafios (para uma descrição dos códigos, ver Tabela 1). Os códigos mais salientes apresentados pelos participantes foram a incompatibilidade de interesses, frustração, insatisfação, término da relação e a comunicação, seja pela necessidade de abertura do/a(s) parceiro/a(s) para a comunicação ou o receio por incompreensão do/a(s) parceiro/a(s), com interligações entre os níveis de desafios interpessoais e intrapessoais, principalmente entre desafios de autoapresentação e dinâmicas eróticas e relacionais.

*Intrapessoal*: inclui respostas que referem situações em que ocorrem dificuldades no domínio pessoal. Dentro dos códigos encontramos os subtemas, auto-apresentação, relação intrapsíquica e transformação pessoal. O subtema de auto-apresentação, bastante mencionado pelos participantes, inclui respostas que se caracterizam por códigos que demonstram as dificuldades na comunicação, medo, incompreensão do/a(s) parceiro/a(s) e transmissão do interesse, derivado de receio de represálias, dificuldade em transmitir o desejo por determinadas práticas, ou mesmo o sentimento de incompreensão por parte do/a(s) parceiro/a(s): *“Penso que sim. Aqui poderão surgir questões como medo de contar ou partilhar o interesse pelo BDSM ou fetiches, o que pode levar a um desgaste da relação.”* (feminino, 27 anos, praticante de BDSM, relação monogâmica), ou *“Sim, completamente. Reconhecer o fetiche por pés perante a namorada já pode ser arriscado (no sentido de ser rotulado como "tarado") [...] namoradas normalmente não entendem é o carácter de consensualidade da coisa [...]”* (masculino, 46 anos, praticante de BDSM/Fetichismo, sem relacionamento) como *“[...] A comunicação sobre estes temas não é simples, e como eles são pouco conhecidos é difícil de explicar. Não se pode chegar a alguém e dizer "Gostava de experimentar tratar-te como um animal doméstico..."[...]"* (masculino, 25 anos, praticante de BDSM, relacionamento monogâmico). O subtema da relação intrapsíquica, outro subtema bastante representado, agrega as respostas a códigos de frustração e insatisfação, delimita os sentimentos individuais, fomenta conflitos internos subjacentes às dificuldades relacionais. Ficou assim demonstrado uma interligação entre esta sub-categoria e os desafios interpessoais quando ocorre uma incompatibilidade de interesses, seja em práticas ou papéis: *“Sim, pois quando as práticas sexuais não são compatíveis a relação amorosa acaba por deixar os seus intervenientes frustrados [...]”* (feminino, 26 anos, interesse, envolvimento pontuais). Por último, o subtema transformação pessoal, que apesar de menos saliente, agrega respostas a códigos de realização, fobia internalizada e epifania sexual, que transparecem principalmente a realização pessoal dos participantes perante as práticas e a identidade *kinky*. Ficou demonstrado que alguns dos participantes, acrescentaram a importância do BDSM/ Fetichismo não só para a transformação da relação, e da sua sexualidade, mas como para si, como indivíduo. A importância destas práticas é mencionada através de sentimentos de liberdade, como uma parte da sua própria identidade: *“[...] No meu caso, a minha relação não seria tão completa, ou nem sequer existiria, se a componente BDSM não estivesse presente. Pois trata-se de algo essencial para mim e para a minha parceira.”* (masculino, 23 anos, praticante de BDSM, sem

relacionamento). É importante referir que, mesmo em número reduzido, os sentimentos de superioridade sexual, como o papel que a fobia internalizada formam um carácter transformador para a sexualidade dos participantes (ver Tabela 1).

*Interpessoal*: inclui respostas que referem situações que ocorrem nas interações e relações com os potenciais parceiros/as. Dentro dos códigos encontramos os subtemas, dinâmicas relacionais e dinâmicas eróticas. O subtema das dinâmicas relacionais inclui códigos de respostas que acentuam apenas nas dificuldades no foro relacional, com códigos como a incompatibilidade de interesses, preconceitos do/a(s) parceiro/a(s), segurança, restrição monogâmica, dificuldade em encontrar parceiro/as, término da relação, potencial de transformação da relação e práticas de BDSM/Fetichismo como fator para ocorrer uma relação, derivado da associação destas características com a incompatibilidade sentida em relações *kinky* e não *kinky*, que potenciam ou limitam a relação amorosa. O desafio mais sentido é a incompatibilidade de interesses entre parceiros/as *kinky* e não *kinky*, apesar de ser mais referido por participantes monogâmicos, e estando interligado às dinâmicas eróticas, com referências ao término da relação como consequência direta: *“sim. O fator “compatibilidade” numa relação amorosa ganha outra dimensão. A generalidade dos meus/minhas parceiros(as) aceitou a explorar o mundo fetish comigo, mas há muitos casos em que a recusa é mais perentória e o potencial para a relação é reduzido a zero”* (masculino, 32 anos, praticante de BDSM/Fetichismo, relacionamento de não-monogamia consensual). O preconceito do/a(s) parceiro/a(s) é reportado como tendo influência para a potencialidade de relações tanto eróticas como relacionais *“[...] alguém estabelece uma relação amorosa connosco tem que um dia saber desses gostos particulares. Mas sempre pode correr mal e ser julgado e entre outras muitas coisas”* (feminino, 18 anos, praticante de BDSM, não responde a estado relacional). O código de restrição monogâmica, quando aplicável, foi visto como um fator diferenciador entre relacionamentos monogâmicos e relacionamento de não-monogamia consensual: *“Mesmo que o casal aceite que o praticante de BDSM tenha alguém exclusivamente para esse efeito, poderá existir algum desconforto emocional da parte do que não pratica. Algo como, “Pois, não brinca comigo, mas brinca com ele/ela”* (masculino, 36 anos, praticante de BDSM/Fetichismo, relacionamento monogâmico).

Em relação ao subtema das dinâmicas eróticas, incluem códigos de respostas marcadas por dificuldades em gerir a relação erótica, com códigos como a rejeição de

práticas, diversidade de práticas, negociação de práticas, aceitação de ser *kinky*, dificuldades em encontrar parceiros/as eróticos/as, conversão para *kinky*, pedagogia para o BDSM, gestão das dinâmicas *kinky*, estratégias não monogâmicas e meio termo. A rejeição de práticas e a dificuldade de encontrar parceiros/as são dos desafios mais referidos, como uma consequência da incompatibilidade e mencionada como um desafio, com referências à restrição do modelo monogâmico das dinâmicas relacionais, limitando as práticas de BDSM/Fetichismo, demonstrando que a incompatibilidade cria entraves no encontro de potenciais parceiros/as que queiram explorar o BDSM/Fetichismo: “*Sim. O principal desafio é encontrar alguém que permita a expressão dos desejos relativos ao bdsm. Em suma, que seja um "match".* (masculino, 44 anos, praticante de BDSM/Fetichismo, relacionamento não-monogamia consensual). Em contraste, mas em menor número ocorrem soluções como estratégias não monogâmicas, assim não limitando a exploração da prática e o relacionamento como:”[...] *nas situações em que um dos parceiros não tem interesse pelo BDSM/Fetichismo existem os desafios de inibir esse lado da relação, negociar e/ou convencer o parceiro a experimentar, negociar e/ou convencer o parceiro a aceitar que se pratique sozinho ou com outros parceiros, ou praticar sozinho ou com terceiros sem o conhecimento do parceiro.*”( masculino, 47 anos, praticante de BDSM/Fetichismo, vários relacionamentos sem pelo menos 1 pessoa saber). Seguidamente respostas de estratégias como encontrar um meio termo dentro da relação e a pedagogia das práticas para uma maior aceitação *kinky*: “*Sim. Encontrar um meio termo que satisfaça todos. Um dom numa relação baunilha pode sentir dificuldade em ficar 100% satisfeito*” (feminino, 25 anos, praticante de BDSM, relacionamento de não-monogamia consensual), ou “*Sim. A introdução ao tema e a educação do parceiro no tema*” (feminino, 50 anos, praticante de BDSM, envolvimento pontuais).

*Societal*: alguns dos desafios sentidos pelos participantes, denotam uma influência social, desse modo criou-se o tema de desafio a nível societal, organizado pelos subtemas de representações sociais e falta de literacia. O subtema de representações sociais agrega respostas que assentam em representações das perceções da sociedade sobre as práticas de BDSM/Fetichismo através dos códigos “50 sombras de Grey” (livro/filme), repudia e projeção de em número bastante reduzido, influenciaram a visão dos participantes sobre os possíveis desafios dentro de uma relação, e apesar de em menor número, ficaram demonstradas uma projeção de modelos glamorizados do BDSM ou o inverso com um afastamento deste tipo de modelos (ver Tabela 1).

O subtema de falta de literacia, retrata as respostas de falta de informação e normalização das práticas de BDSM/Fetichismo que determina o contacto a temáticas *kinky*. Esta conceptualização temática influência não só a perceção dos indivíduos sobre as práticas como os relacionamentos e a criação de novos modelos representativos. A existência de poucas associações, bem como a dificuldade ao acesso a informação coerente e realista sobre as práticas de BDSM/Fetichismo, desta forma dificultando a normalização das práticas: “[...] *Existe ainda pouca informação à cerca do assunto para o normalizar*” (feminino, 24 anos, interesse, relacionamento monogâmico). Ocorrem mais respostas reforçando a visão estigmatizada da sociedade sobre as práticas e a influência na perceção dos parceiros/as que não são *kinky*. Como algumas interligações com o preconceito, colocando em causa a possibilidade de ter parceiros/as: “*Sim. No caso de parceiros dito baunilha é necessário ultrapassar uma barreira de perceções erradas sobre BDSM que existem na sociedade. A nível geral as preferências BDSM funcionam como mais um item na compatibilidade entre parceiros, o que pode reduzir o número de potenciais parceiros para pessoas cujas sintam necessidade de práticas específicas*” (masculino, 33 anos, interesse, não tem relacionamento amoroso).

*Ausência de Desafios:* Por fim, foi criado o tema de ausência de desafios que acentua as respostas negativas sobre os desafios sentidos em relações *kinky* e não *kinky* (ver Figura 1), organizado pelos subtemas de indiferenciação e negação de desafios. O subtema de indiferenciação de desafios apresenta um número bastante reduzido de respostas. As respostas assentam na indiferença de dificuldades existentes em qualquer tipo de relacionamento, seja *kinky* ou não: “*Como em qualquer outra relação, também os praticantes de BDSM / Fetichistas tendem a procurar fora da relação primária aquilo que lhes faz falta*” (masculino, 39 anos, praticante de BDSM, relacionamentos pontuais), ou : “*Os desafios são os mesmos de qualquer relacionamento é o descobrir o outro e dar-mo-nos a conhecer [...]*” (masculino, 49 anos, praticante de BDSM relacionamento monogâmico). O subtema de negação de desafios, demonstra respostas diretas de negação a qualquer tipo de dificuldade em relacionamentos amorosos (ver Tabela 1).

**Figura 1.** Mapa Temático

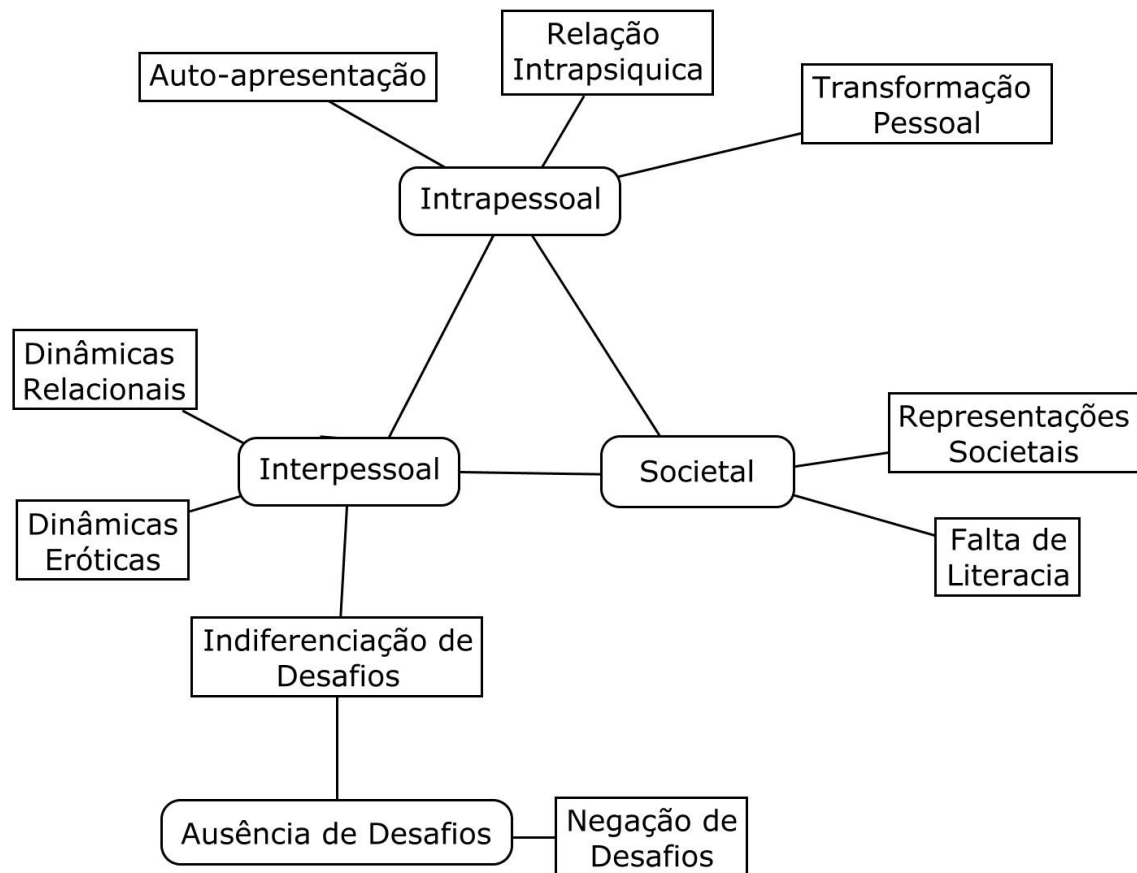


**Tabela 1.** Organização Hierárquica do Mapa Temático com Descrição de Códigos

| Temas Principais (Terceiro nível) | Subtemas (Segundo nível) | Códigos (Primeiro Nível)                  | Descrição                                     | Exemplos                                                       |
|-----------------------------------|--------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| 1. Intrapessoal                   | 1.1 Auto-apresentação    | 1.1.1 Medo                                | Reações negativas, receios                    | “Revelar interesses relacionados com BDSM pode ser assustador” |
|                                   |                          | 1.1.2 Incompreensão do/a(s) Parceiro/a(s) | Interesse ou praticas não serem compreendidas | “nem sempre o parceiro pode entender”                          |
|                                   |                          | 1.1.3 Transmissão do Interesse            | Dificuldades em explicar o interesse          | “É sempre difícil de explicar”                                 |

|  |                            |                           |                                                                |                                                                                               |
|--|----------------------------|---------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | 1.2 Relação intra psíquica | 1.2.1 Frustração          | Sentimentos de frustração                                      | “pode acontecer é um sentimento de frustração”                                                |
|  |                            | 1.2.2 Insatisfação        | Sentimentos de insatisfação                                    | “podem ficar insatisfeitos e incompletos”                                                     |
|  | 1.3 Transformação Pessoal  | 1.3.1 Realização          | Sentimentos de liberdade, concretização, BDSM como parte de si | “podermos ser nós”<br>“sem BDSM não me sentiria 100% feliz e concretizada”                    |
|  |                            | 1.3.2 Fobia internalizada | Sentimento praticar algo errado                                | “crise interna baseada no pensamento: eu gosto de algo errado”                                |
|  |                            | 1.3.3 Epifania Sexual     | BDSM como um modelo transformador na vida sexual da pessoa     | “a nossa sexualidade muda um pouco para melhor”                                               |
|  | 2. Interpessoal            | 2.1 Dinâmicas Relacionais | 2.1.1 Incompatibilidade de interesses                          | “simples facto de não terem os dois esses interesses em comum”                                |
|  |                            |                           | 2.1.2 Restrição monogâmicas                                    | “Não concordar em praticar com outras pessoas no meio”                                        |
|  |                            |                           | 2.1.3 Preconceitos do/a(s) parceiro/a(s)                       | “o meu parceiro me julgava e não gostava que eu tivesse determinadas kinks”                   |
|  |                            |                           | 2.1.4 Segurança                                                | “E a segurança que cada pessoa tem ou exerce”<br>“Falta de confiança caso não existam regras” |
|  |                            |                           | 2.1.5 Término da Relação                                       | “se não tivermos vontades convergentes uma relação não é possível”                            |
|  |                            |                           | 2.1.6 Potencial de Transformação                               | a potencialidade de uma relação se transformar após contactar com o BDSM/Fetichismo           |
|  |                            |                           | 2.1.7 Dificuldade em encontrar parceiro/a relacional           | Dificuldades em explicar o interesse                                                          |

|                           |                                 |                                                                  |                                                                          |                                                                                                                |
|---------------------------|---------------------------------|------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                           |                                 | 2.1.8<br>BDSM/Fetichismo<br>para relação                         | Apenas ocorre um<br>relacionamento se o parceiro<br>for <i>kinky</i>     | “a escolha/apaixonar pelo<br>parceiro, o BDSM/Fetichismo<br>seja um ponto de ponderação.”                      |
| 2.2 Dinâmicas<br>Eróticas |                                 | 2.2.1 Rejeição de<br>práticas                                    | Parceiro rejeita praticar<br>BDSM                                        | “recusa de explorar”<br>“não ter interesse para explorar”                                                      |
|                           |                                 | 2.2.2 Diversidade<br>de práticas                                 | Práticas e papeis diversos<br>dentro do BDSM                             | “É algo de uma pessoa só. É<br>muito difícil que seja igual a de<br>outra pessoa”                              |
|                           |                                 | 2.2.3 Negociação<br>de práticas                                  | Discussão de papeis e<br>práticas dentro ou fora da<br>relação           | “negociação do que poderá existir<br>na relação e/ou fora dela”                                                |
|                           |                                 | 2.2.4 Aceitação de<br>ser <i>kinky</i>                           | Aceitação do parceiro ser<br><i>kinky</i>                                | “respeitado pelas suas escolhas,<br>compreendido e aceite”                                                     |
|                           |                                 | 2.2.5 Dificuldade<br>em encontrar<br>parceiros/as<br>eróticos/as | Dificuldade em encontrar<br>parceiros/as eróticos/as                     | “desafio é encontrar alguém que<br>permita a expressão dos desejos<br>relativos ao bdsm”                       |
|                           |                                 | 2.2.6 Conversão<br>para <i>kinky</i>                             | Tornar o parceiro <i>kinky</i> ,<br>convencendo-o                        | “mais uma faceta a encaixar na<br>relação”                                                                     |
|                           |                                 | 2.2.7 Pedagogia<br>para o BDSM                                   | Desmistificar práticas e<br>exploração                                   | “dar a conhecer, poderá quem<br>sabe descobrir algo que o/a deixe<br>curioso/a”                                |
|                           |                                 | 2.2.8 Gestão de<br>dinâmicas <i>kinky</i>                        | Gestão das dinâmicas <i>kinky</i><br>dentro da relação                   | “existe o desafio de manter a<br>relação 24/7”                                                                 |
|                           |                                 | 2.2.9 Estratégias<br>não monogâmicas                             | Práticas <i>kinky</i> fora da<br>relação amorosa                         | “se tem uma relação estável vai<br>procurar outra parceira BDSM<br>Player para desenvolver as<br>experiências” |
|                           |                                 | 2.2.10 Meio Termo                                                | Cedências eróticas de parte a<br>parte para a continuidade da<br>relação | “Encontrar um meio termo que<br>satisfaça todos”                                                               |
| 3. Societal               | 3.1 Representações<br>societais | 3.1.1 Repudia                                                    | Afastamento do modelo 50<br>sombas                                       | “nada de histórias de 50 sombras”                                                                              |

|                         |                                          |                                                                                      |                                                                    |
|-------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| 3.2. Falta de Literacia | 3.2.1 Normalização e Falta de informação | Necessidade de ter mais conhecimento para normalizar as práticas de BDSM/Fetichistas | “pouca informação para normalizar” “eliminar a conotação negativa” |
| 4. Ausência de desafios | 4.1.1 Negação de desafios                |                                                                                      |                                                                    |
|                         | 4.1.2 Indiferenciação de desafios        | Desafios irrelevantes em relações <i>kinky</i> ou não <i>kinky</i>                   | “São os mesmos que qualquer relacionamento”                        |

## Discussão

No presente trabalho pretendemos descrever a amostra de participantes praticantes ou com interesse dentro e fora da comunidade de BDSM/Fetichistas. Foram examinadas as variáveis sociodemográficas, relacionais e quais os desafios percecionados por participantes que se auto-identificam com o BDSM e/ou fetichistas dentro dos relacionamentos amorosos.

A nossa amostra é composta maioritariamente por pessoas mais jovens, com habilitações universitárias e oriundas das zonas metropolitanas de Lisboa, Porto e Setúbal. Ao contrário de estudos semelhantes (Connolly, 2006; Faccio et al., 2014; Pascoal et al., 2015), mais de metade dos participantes é do género feminino (Graham et al., 2016; Rogak & Connor, 2017; Yost & Hunter, 2012). A maioria dos respondentes identifica-se como heterossexual, havendo menos pessoas que se declarem bissexuais e indo a encontro de outros estudos (Pascoal et al., 2015; Rogak & Connor, 2017).

Ao longo do estudo é visível um conjunto de várias pessoas que referem estar envolvidas em relações não-monogâmicas consensuais, o que reforça a necessidade de aprofundar a investigação que tome em conta a orientação relacional dos respondentes (Pascoal et al., 2015).

Os participantes são, na sua maioria, praticantes de BDSM/Fetichismo. Contudo, há um conjunto de pessoas que, tendo interesse, não refere ter tido algum envolvimento em práticas *kinky*, como na investigação de Rogak e Connor (2017). Com a maioria de praticantes de BDSM/Fetichismo a participar no estudo, as implicações podem estar interligadas com o tipo de conteúdo das respostas, sendo estas mais inclusivas nas dificuldades a nível experiencial ou da comunidade. A falta de envolvimento em práticas *kinky*, pode estar interligada com a dificuldade em encontrar parceiros/as que partilhem

dos mesmos interesses, ou com o tempo em que o interesse em BDSM/Fetichismo, se desenvolve num envolvimento real em práticas *kinky*, referido no estudo de Pascoal e colegas (2015).

Os desafios para a relação são conceptualizados pelos respondentes em diferentes níveis: intrapessoal, interpessoal e social. Os três níveis interagem entre si, na forma como os desafios contextualizam a forma como a sociedade e os *media* vêm o BDSM/Fetichismo. Cada pessoa atribui uma importância diferente a cada nível.

Dos desafios de auto-apresentação, os respondentes mencionam em grande parte a dificuldade em comunicarem o interesse ou a prática de BDSM/Fetichismo. Existem estudos que aludem a este tipo de desafios (Hébert & Weaver, 2015; Nelson & Winawer, 2014), interligando esta dificuldade com a estigmatização e a expectativa de criação de problemas no relacionamento, através de percepções negativas, pela especificidade de práticas incompreendidas ou a forma que se transmite o interesse por pessoas *kinky*. A estigmatização de práticas de BDSM/Fetichismo poderá ser uma hipótese para o encobrimento e vergonha ao expressar o interesse tal como descrito por Meyer (2003) acerca do stress das minorias.

Na análise das respostas, detetou-se uma dualidade entre a existência de sentimentos de frustração e insatisfação, derivado de uma incompatibilidade de interesses, e sentimentos de realização por parte de alguns dos participantes. Esta dualidade está parcialmente retratada no estudo de Damm e colegas (2017), em que, com a abertura do/a(s) parceiro/a(s), existe a potencialidade de um aumento da confiança e realização, transformando-se numa influência positiva na sexualidade das pessoas. Desta forma, é possível uma reflexão entre a importância para as práticas de BDSM/Fetichismo para o bem-estar das pessoas com interesse em práticas *kinky*, seja a nível pessoal e relacional, demonstrado através dos sentimentos de liberdade em viver a sua sexualidade na sua forma mais plena.

A pessoa iniciada ou com informação sobre *kink* sente-se, por vezes, sexualmente ou moralmente superior face a quem não está em contato com temas *kinky*, transformando as suas próprias experiências sexuais numa epifania sexual necessária para o/a parceiro/a. Uma hipótese para a interligação entre a possível superioridade sexual e informativa, ou por ser iniciada em *kink*, pode estar eventualmente ligada ao desenvolvimento de uma identidade minoritária (Meyer & Schwitzer, 1999). Após a auto-identificação como *kinky*, e a sua aproximação a outros pares e à comunidade, o conhecimento da pessoa expande-se e potencializa o desenvolvimento do próprio,

deixando de fora os que não têm interesse. A educação do/a(s) parceiro/a(s) para práticas *kinky* pode então operar como uma forma de normalizar estas práticas sexuais e assim trazer o/a(s) parceiro/a(s) para dentro dessa mesma comunidade.

As dinâmicas relacionais e eróticas estão interligadas ao nível interpessoal. Nas dinâmicas relacionais, a incompatibilidade de interesses entre parceiros/as é dos desafios mais fulcrais e reflete alguns dos resultados em estudos anteriores (Hébert & Weaver, 2015; Lawrence & Love-Crowell, 2007). A monogamia apresenta-se como especialmente problemática para as pessoas que mencionaram a divergência/rejeição de interesses nas práticas face ao(s) parceiro/a(s). Num cenário estritamente monogâmico, é então, considerado fundamental a existência de cedências de ambas as partes para obstar ao término da relação, ao mesmo tempo, a não-monogamia consensual é vista como uma outra estratégia de evitar o fim da relação sem ainda assim compelir o/a(s) parceiro/a(s) a alterar as suas práticas sexuais, resultados em linha com o estudo de Nelson e Winawer (2014).

A figura do ‘meio termo’ e do compromisso enquanto indispensável para a manutenção da relação, serve para refletir sobre a importância do BDSM/Fetichismo para o seu bem-estar físico e psicológico. Para estes respondentes, o BDSM/Fetichismo não é somente um conjunto de práticas eróticas, mas está ligado com uma transformação relacional, pessoal e sexual, e acarreta sentimentos de liberdade e completude identitária. A busca de um meio termo pode reintroduzir algumas dinâmicas normativas a favor da pessoa *kinky*. É mencionado pelos participantes que a pedagogia para práticas de BDSM/Fetichismo pode trazer novas facetas à relação sexual e, dessa forma, através da normalização, tornar algumas dinâmicas *kinky* parte da relação amorosa, ou mesmo uma componente estruturante da relação, como é o caso dos modelos ‘24/7’ <sup>[6]</sup>.

A multiplicidade e diversidade de significados e papéis atribuídos ao BDSM/Fetichismo está também presente nas investigações de Damm e colegas (2017) e Langdridge e Barker (2013). Alguns dos participantes mencionam que a multiplicidade de significados/papéis dentro do BDSM/Fetichismo pode dificultar o encontro de parceiros/as para determinadas práticas (e.g., por serem específicas), ou por existirem diferenças na intensidade em que determinada cena ocorre, indo ao encontro dos estudos (Lawrence & Love-Crowell, 2007).

---

<sup>6</sup> 24/7: Também conhecida como TPE (Total Power Exchange), é um termo que descreve uma relação de troca de poder que existe em continuidade, em todos os momentos da relação, ou seja, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Os respondentes apontam a sociedade em geral como tendo impacto sobre as outras dimensões, especialmente através das representações mediáticas existentes (ou da falta destas). Estas representações são mencionadas de uma forma dualística: podem servir como referência, ou afastamento, para a obtenção de informação necessária sobre algo *underground* <sup>[7]</sup>. A investigação de Weiss (2006) confirma que o aumento da representação não significa necessariamente que essa mesma representação seja realista ou que vá ao encontro das experiências de pessoas envolvidas com BDSM/Fetichismo. Assim, a consciencialização de que o BDSM/Fetichismo existe, tem de conviver com a possibilidade de que se criem mais e novos estereótipos sobre o que constitui de facto BDSM/Fetichismo. A glamorização mediática pode levar a uma objetificação das práticas *kinky* que vários respondentes retratam como algo negativo. Os filmes e livros da série *50 Sombras de Grey* são repetidamente mencionados por vários respondentes e exemplificam claramente essa dualidade: quem tem experiência *kinky* tende a conotar negativamente este conteúdo mediático, e quem não tem aponta-o como potenciador de curiosidade sobre o tema.

### **Limites**

O presente estudo tem limitações que têm de ser consideradas aquando da interpretação dos resultados. Primeiramente, a amostra não pode ser considerada representativa da população com interesse e da comunidade BDSM/Fetichista em Portugal. Os participantes deste estudo foram maioritariamente alcançados através de plataformas de grupos fechados em redes sociais de praticantes de BDSM/Fetichismo, limitando a amostra e a análise de dados. A amostra é constituída por participantes que reportam maioritariamente serem interessados e praticantes de BDSM/Fetichismo. Esta característica pode limitar o estudo a um tipo de respostas com maior literacia e/ou desenvolvimento de uma identidade *kinky*, dificultando uma análise sobre os respondentes que não tenham contato, mas tenham interesse em BDSM/Fetichismo, por não ser possível quantificar esta frequência. Estudos futuros podem explorar se ocorrem diferenças nos respondentes não praticantes, mas com interesse em BDSM/Fetichismo.

Ocorreram 730 acessos através de telemóvel (iPhone e Android) e 240 por computador (Windows ou Mac), visto a amostra no total ser de 277 participantes, podemos supor que parte destes participantes acederam ao questionário através do

---

<sup>7</sup> Underground: cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade.

telemóvel, que por sua vez pode ajudar a explicar em parte a elevada taxa de desistência. Em estudos futuros, será necessário pensar em novas estratégias para contornar esta situação, como encontrar plataformas que facilitem o acesso a pessoas que utilizem o telemóvel, ou clarificar *a priori* que não é confortável responder ao questionário através de dispositivos móveis por causa da quantidade de respostas abertas. Apenas 759 acessos ocorreram em Portugal continental e ilhas, dos restantes acessos: 21 ocorreram no Brasil, 18 no Reino Unido, 13 nos Estados Unidos da América, 10 em França e 3 na Finlândia.

Finalmente, na utilização de uma metodologia de análise temática, Braun e Clarke descrevem o papel ativo do investigador na identificação de temas/padrões, selecionando temas com interesse e reportando para os leitores. É possível que com o estudo dos investigadores em BDSM e Fetichismo e a familiarização com a literatura alguns dos temas podem ter uma influência de pesquisas anteriores. Por sua vez com a utilização da análise temática, sendo esta uma característica da abordagem qualitativa, existe por sua vez pouca consistência para saber a frequência dos temas, onde uma abordagem mista poderia responder, utilizando a triangulação dos dados para descrever a nível estatístico o peso de cada temática tem para cada respondente.

### **Direções futuras**

Em termos de direções futuras, é necessário explorar mais sobre a conotação que a sexualidade tem na vida das pessoas, como interesses distintos conseguem alterar dinâmicas relacionais e potenciar ou diminuir relações afetivo/sexuais. Estudos futuros, com uma amostra mais abrangente de praticantes e não praticantes de BDSM/Fetichismo, ajudarão a esclarecer as associações encontradas, e como a importância das significações em modelos relacionais monogâmicos podem ser transversais em diferentes opiniões e experiências dentro do BDSM/Fetichismo.

Este estudo viabilizou conhecer de acordo com as percepções das próprias pessoas alguns temas chave acerca dos BDSM e as relações amorosas. Destaca-se a importância da compatibilidade de interesse em práticas de BDSM/Fetichismo como um aspeto fundamental para os relacionamentos amorosos, bem como a necessidade de convergência entre o interesse e a compatibilidade sexual, questionando os sentimentos amorosos como algo naturalmente adquirido ou cultivado através da compatibilidade. Desta forma o conceito de orientação sexual deve ser repensado, de modo a abordar mais do que o género, sendo que um homem que se autodetermina como homossexual pode praticar BDSM/Fetichismo com uma mulher, não colocando em causa a sua orientação,

como também a centralidade que a sexualidade e os interesses específicos têm para o desenvolvimento do romantismo.

## Referências

- Allnutt, S. H., Bradford, J. M., Greenberg, D. M., & Curry, S. (1996). Co-morbidity of alcoholism and the paraphilias. *Journal of Forensic Sciences*, 41, 234–239.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5* (5th ed). Washington, D.C: American Psychiatric Association.
- Barker, M. (2013). Consent is a grey area? A comparison of understandings of consent in *Fifty Shades of Grey* and on the BDSM blogosphere. *Sexualities*, 16(8), 896–914. doi: 10.1177/1363460713508881
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2013). *Qualitative data analysis with NVivo* (Second edition). Los Angeles London New Delhi: SAGE.
- Black, K. (2011, September 20). Safe, sane, and consensual: Understand what it's all about. Retirado de <http://www.keepingitkinky.net/bdsm/kink-basics/consent/safe-sane-consensual/>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Connolly, P. H. (2006). Psychological Functioning of Bondage/Domination/Sado-Masochism (BDSM) Practitioners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(1), 79–120. doi: 10.1300/J056v18n01\_05
- Cornwall, A., & Jewkes, R. (1995). What is participatory research? *Social Science & Medicine*, 41(12), 1667–1676. doi: 10.1016/0277-9536(95)00127-S
- Damm, C., Dentato, M. P., & Busch, N. (2017). Unravelling intersecting identities: understanding the lives of people who practice BDSM. *Psychology & Sexuality*, 1–17. doi: 10.1080/19419899.2017.1410854
- Faccio, E., Casini, C., & Cipolletta, S. (2014). Forbidden games: The construction of sexuality and sexual pleasure by BDSM 'players.' *Culture, Health & Sexuality*, 16(7), 752–764. doi: 10.1080/13691058.2014.909531
- Graham, B. C., Butler, S. E., McGraw, R., Cannes, S. M., & Smith, J. (2016). Member Perspectives on the Role of BDSM Communities. *The Journal of Sex Research*, 53(8), 895–909. doi: 10.1080/00224499.2015.1067758
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A.

- Hébert, A., & Weaver, A. (2015). Perks, problems, and the people who play: A qualitative exploration of dominant and submissive BDSM roles. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 24(1), 49–62. doi: 10.3138/cjhs.2467
- Langdridge, D., & Barker, M.-J. (Eds.). (2013). *Safe, sane, and consensual: Contemporary perspectives on sadomasochism*. New York, NY: Palgrave Macmillan.
- Lawrence, A. A., & Love-Crowell, J. (2007). Psychotherapists' experience with clients who engage in consensual sadomasochism: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34(1), 67–85. doi: 10.1080/00926230701620936
- Meeker, C. (2011). Bondage and discipline, dominance and submission, and sadism and masochism (BDSM) identity development (pp. 154–161). Presented at the Proceedings of the Tenth Annual College of Education & GSN Research Conference, Miami: Florida International University.: M. S. Plakhotnik, S. M. Nielsen, & D. M. Pane (Eds.),. Retirado de [http://coeweb.fiu.edu/research\\_conference/](http://coeweb.fiu.edu/research_conference/)
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674
- Meyer, S., & Schwitzer, A. M. (1999). Stages of identity development among college students with minority sexual orientations. *Journal of College Student Psychotherapy*, 13(4), 41–65. doi: 10.1300/J035v13n04\_05
- Mohr, J. J., & Daly, C. A. (2008). Sexual minority stress and changes in relationship quality in same-sex couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(6), 989–1007. doi: 10.1177/0265407508100311
- Moser, C. (2018). Paraphilias and the ICD-11: Progress but Still Logically Inconsistent. *Archives of Sexual Behavior*, 47(4), 825–826. doi: 10.1007/s10508-017-1141-z
- Moser, C., & Kleinplatz, P. J. (2006). Introduction: The state of our knowledge on SM. *Journal of Homosexuality*, 50(2–3), 1–15. doi: 10.1300/J082v50n02\_01
- Mota, M. A., & Oliveira, A. (2014). Repensar o BDSM para além da dor: sadomasoquismo e direitos sexuais. 2014, III(1&2).
- Nelson, T., & Winawer, H. (Eds.). (2014). *Critical Topics in Family Therapy*. Cham: Springer International Publishing. doi: 10.1007/978-3-319-03248-1
- Pascoal, P., Cardoso, D., & Henriques, R. (2015). Sexual satisfaction and distress in sexual functioning in a sample of the BDSM community: A Comparison Study

- Between BDSM and Non-BDSM Contexts. *The Journal of Sexual Medicine*, 12(4), 1052–1061. doi: 10.1111/jsm.12835
- Richters, J., De Visser, R. O., Rissel, C. E., Grulich, A. E., & Smith, A. M. A. (2008). Demographic and psychosocial features of participants in bondage and discipline, “sadomasochism” or dominance and submission (BDSM): Data from a National Survey. *The Journal of Sexual Medicine*, 5(7), 1660–1668. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00795.x
- Rogak, H. M. E., & Connor, J. J. (2017). Practice of consensual BDSM and relationship satisfaction. *Sexual and Relationship Therapy*, 1–16. doi: 10.1080/14681994.2017.1419560
- Straus, M. A. (2001). New evidence for the benefits of never spanking. *Society*, 38(6), 52–60. doi: 10.1007/BF02712591
- Taylor, G. W., & Ussher, J. M. (2001). Making sense of S&M: A discourse analytic account. *Sexualities*, 4(3), 293–314. doi: 10.1177/136346001004003002
- Weiss, M. D. (2006). Mainstreaming kink: The politics of BDSM representation in U.S. popular media. *Journal of Homosexuality*, 50(2–3), 103–132. doi: 10.1300/J082v50n02\_06
- Wismeijer, A. A. J., & van Assen, M. A. L. M. (2013). Psychological characteristics of BDSM practitioners. *The Journal of Sexual Medicine*, 10(8), 1943–1952. doi: 10.1111/jsm.12192
- Yost, M. R., & Hunter, L. E. (2012). BDSM practitioners’ understandings of their initial attraction to BDSM sexuality: essentialist and constructionist narratives. *Psychology and Sexuality*, 3(3), 244–259. doi: 10.1080/19419899.2012.700028